

– *Direto da luta* –

**“El bien máspreciado es la libertad, hay que defenderla com fe y valor (...) ¡A las barricadas! ¡A las barricadas, por el triunfo de la confederación!”**

*Entrevista com Frank Mintz*

Pesquisador e militante anarquista da  
Confédération Nationale des Travailleurs - Solidarité Ouvrière (CNT-SO), França

*Conduzida entre janeiro e julho de 2016 por Thiago Roniere R. Tavares*

**E**m virtude dos oitenta anos da Revolução Espanhola, apresentamos em seguida uma entrevista realizada com o historiador e militante anarquista Frank Mintz. Vale anunciar que a mesma versa por alguns temas caros para este processo revolucionário, percorrendo meandros que revelam alguns “segredos íntimos” desse momento.

Nesse preâmbulo, faz-se oportuno também informar que a ideia inicial para esta entrevista surgiu em conversas entre pesquisadores do/no Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial (NuPeD), após reflexões sobre a necessidade e importância de se elaborar uma edição da Revista Território Autônomo que reforçasse o lastro deixado pela experiência autogestionária espanhola.

Pessoalmente, meu contato com Frank ocorreu por conta de uma visita sua a cidade de Fortaleza-CE no ano de 2014, quando o mesmo participava de um evento sobre os 200 anos de Bakunin. Na ocasião, tivemos a oportunidade de fazer seu traslado e apresentá-lo a alguns locais de luta por moradia na cidade que se desenvolviam sobre influência de uma perspectiva organizativa anarquista.

Por conta da distância, já que o mesmo reside na França, tivemos como melhor opção para esta entrevista fazê-la por e-mail. A ausência de contato físico não impediu que a troca de informações e sua disposição em socializar parte de seu conhecimento ficassem aquém do ainda escasso acervo em língua portuguesa deste processo revolucionário. Esta entrevista ocorreu entre os meses de janeiro e julho do ano de 2016.

Por fim, indicamos que na última parte da entrevista, os leitores dessa edição também poderão apreciar um par de perguntas dedicadas a albergar alguns aspectos pessoais de nosso entrevistado, sobretudo àquelas voltadas a sua trajetória política. Sem mais, vamos “direto à luta”!

**Thiago Roniere R. Tavares:** Para iniciar, gostaríamos que você falasse sobre a importância de buscar mais conhecimento sobre o processo político revolucionário na Espanha entre os anos de 1936 a 1939.

**Frank Mintz:** Hoje, continua sendo importante o caso e a história da Espanha entre os anos de 1936 a 1939, com detalhes que muitíssima gente identifica imediatamente, conhecido como: “No pasarán”. Ilustrado pela imagem de uma jovem sentada em um caminhão com bandeiras saudando com o braço erguido ao alto à bandeira vermelha e preta.



Em contrapartida, a invasão do exército italiano sobre a Etiópia em 1935 e seus massacres, como a utilização de gases mortíferos contra soldados etíopes armados ineficazmente e também sobre a população civil, majoritariamente camponesa, são fatos que não possuem eco atualmente.

A grande diferença de significação vem do fato que na Espanha, em 1934 e, após, em 1936, parte dos partidos políticos de esquerda e, sobretudo, as duas centrais sindicais, tanto as proletárias como as camponesas, participaram da luta armada contra a presença e o fenômeno do fascismo que estava em pleno desenvolvimento na Europa e com raízes na América e na Ásia.

É precisamente esta capacidade de resistência na Espanha, acompanhada de reações ofensivas – experiência que se distingue de países com uma grande tradição de lutas revolucionárias, mas que assistiram o fascismo triunfar facilmente, como a Itália e a Alemanha – representando um evento desconhecido e excepcional. Também é necessário ressaltar que a influência da União Soviética não parecia capaz de insuflar uma forte resistência em países limítrofes e próximos como Polônia, Romênia, Bulgária.

Depois desta apresentação, se focarmos nosso olhar poderemos observar as peculiaridades ocorridas na Espanha, que são, principalmente: a combatividade proletária, aparição de uma República que sucede pacificamente a uma monarquia muito influenciada pelo fascismo italiano e, por fim, um movimento anarcossindicalista, que é o mais desenvolvido do mundo naquela época.

Agora, no processo bélico de 1936-1939 surgem fatores que, ainda hoje, encontram um senso particular. Podemos pontuar: O internacionalismo com dezenas de milhares de voluntários, que vieram doar e colocar suas vidas em risco; a tomada dos meios de produção industriais, comerciais e agrícolas por uma grande parte dos operários, empregados e camponeses; um movimento intenso de feminismo proletário, além do surgimento do grupo político *Mujeres Libres*<sup>1</sup>, com símbolos afins; uma mulher vira ministra pela primeira vez no país, criação de uma lei autorizando o aborto na Catalunha (a segunda no mundo depois da URSS); a transformação de uma guerra civil em guerra internacional, que atingiu tanto alcance que se pode dizer que foi o prelúdio da II Guerra Mundial.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Dentre estes exemplos que você evidencia, falou da “tomada dos meios de produção”. Na Espanha, este processo assumiu um formato coletivista, colocando a autogestão, na prática, como ordem do dia. Você poderia caracterizar o que foram as coletivizações espanholas e como contribuíram para diminuir as desigualdades econômicas e socioespaciais na Espanha?

**Frank Mintz:** Temos hoje, nas pessoas ditas politizadas, uma visão analítica ou que tende a

temer nossa própria espontaneidade. Na Espanha, desde o fim do século XIX, houve uma nidificação dos operários – sem as mulheres, somente os trabalhadores do campo e das cidades –, no sentido de que o protesto, a resistência contra a exploração do sistema capitalista e ao mesmo tempo da religião e da cultura hierárquica são elementos venenosos e que os próprios trabalhadores poderiam edificar uma nova sociedade.

Essa mentalidade proletária e sindical é inseparável de uma grande parte do anarquismo ibérico que, de fato, é anarcossindicalista. O protesto social estava unido as escolas racionalistas e muitas vezes estas foram construídas pelos sindicatos.

Paulatinamente, produziu-se uma tomada de consciência de uma minoria de trabalhadoras que se apropriaram de sua emancipação através do sindicato. Mas ficou limitado até os anos 1931, paralelamente na formação da II República.

Por isso, deixando de lado muitas peripécias e evoluções políticas e sindicais, quando, simultaneamente, a administração republicana mostrou-se praticamente incapaz de se defender e amparar seus próprios governadores, prefeitos e oficiais, e quando o exército insurreto e faccioso ficou vencido pela união quase espontânea de forças sindicais e políticas de esquerda na metade do país, muito naturalmente parte dos operários acreditaram que tinha chegado a hora de aplicarem o que já tinham pensado e aprendido com os pais e os avós: construir sua sociedade. Era a simples aplicação do lema da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1864, “*A emancipação dos*

---

<sup>1</sup> Organização específica de mulheres que se desenvolveu dentro do anarcossindicalismo espanhol, imprimindo um caráter feminista nas lutas, seja na tomada de cidades como na defesa contra o avanço fascista sobre território espanhol. Tiveram também protagonismo ao contribuírem diretamente com o processo revolucionário de coletividade autogeridas desenvolvidas em plena guerra civil.

*trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”.*

E foi exatamente assim: os trabalhadores camponeses e industriais não se preocuparam com as opiniões de seus dirigentes sindicais e sua energia mobilizou seus companheiros muitas vezes sem filiação política.

A autogestão era parte da emancipação local e nacional. A indústria de guerra, a fabricação de veículos blindado foi uma iniciativa dos metalúrgicos *cenetistas*<sup>2</sup> de Barcelona a partir do fim dos tiroteios contras os golpistas. O que pressupôs a necessidade de adaptar as máquinas, inventar modelos e se preparar para novas tarefas.

A unificação das três empresas de trens na Catalunha fez-se também ao mesmo tempo resolvendo os problemas de criação de novos horários, outras equipes eficientes de operários e a centralização de peças distintas para os trens.

Com a iniciativa dos sindicatos agrícolas, filiados aos anarcossindicalistas da CNT e socialistas UGT<sup>3</sup>, em setembro de 1936, na região de Valência, especializada na exportação de citrinos (laranjas, limões, etc.), a Espanha antifascista recebeu importantes benefícios. Em efeito, a produção espanhola pôde ser exportada de maneira unitária, se esforçando para vender nos momentos de preços elevados. Era a primeira vez (e também foi a última) que se efetivava uma prática que não

consistia em aproveitar o mercado - já existente - somente em torno da cobrança de dinheiro.

O mercado tradicional se localizava na Alemanha e com o golpe militar e o apoio a Espanha fascista, a campanha de exportação sindical teve que resolver em poucas semanas novos destinos geográficos. Desta forma, como consequência dessa conjuntura, a exportação chegou aos países do norte da Europa, desde a Bélgica até a Suécia.

A autogestão foi uma obra de grande escala que contagiou com seu entusiasmo e a dedicação dos operários, muitos engenheiros e especialistas da classe média que colocaram a eficácia social como alvo e já não existia a competição entre empresas e salários.

A autogestão foi uma expressão genuína de criação horizontal e anarcossindicalista.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Sabemos que o papel desempenhado pelas mulheres, organizadas ou não, em grupos feministas na Espanha foi de forte protagonismo. Você poderia nos relatar alguns exemplos desta participação?

**Frank Mintz:** Como já pontuei, estas trabalhadoras já acompanhavam as lutas sindicais, o que despertou a vontade de se organizarem. A criação das *Juventudes Libertárias* que, de fato, para onde convergiam operárias e operários jovens, foi o fermento, o campo fértil, que permitiu o nascimento da organização *Mujeres Libres*. Sem cair em personalismo, é preciso reconhecer, com louvor, a extraordinária abertura mental que realizou *Lucia Sánchez Saornil*, em 1935-1936, nos seus artigos

<sup>2</sup> Trabalhadores filiados à Confederación Nacional del Trabajo – CNT. Central sindical de corte anarquista, que tem na corrente anarcossindicalista sua orientação política.

<sup>3</sup> União General de Trabajadores – UGT. Sindicato operário de linha socialista-marxista e vinculado ao Partido Socialista Obrero Español – PSOE.

escritos para o jornal diário anarcossindicalista da CNT. Assim ela redigiu: “*Suponhamos que a Confederação Nacional do Trabalho tem um milhão de afiliados. Não deveria ter outro milhão, pelo menos, de simpatizantes entre as mulheres? [...] O último escravo, uma vez passadas as portas de seu lar, se transforma em soberano e senhor. Um desejo seu, apenas esboçado, é uma ordem determinante para as mulheres de sua casa*”.

Se for evidente que estas frases do ano 1935 são quase tão verdadeiras hoje, na época e para milhares de jovens trabalhadoras e sindicalistas eram revelações, tomadas de consciência. E já em abril de 1936 se juntavam membros de *Mujeres Libres* para começar sua revista epônima, como também suas tarefas organizativas.

O golpe militar foi uma faísca que impulsionou o *Mujeres Libres*, que, neste período, alcançou uma afiliação entre 20.000 e 30.000 mulheres que fizeram ações militantes para emancipação de prostitutas, e participando de frentes de ajuda para os refugiados e suas crianças. Mas foi muito inferior ao ideal claramente exprimido em setembro de 1936:



“*A proposta mais urgente a ser realizada na nova estrutura social é a supressão da prostituição. Antes de lidar com a economia e a educação, a partir de agora, durante a luta anti-fascista, ainda temos que acabar radicalmente com esta degradação social. Não podemos pensar na produção, no trabalho, ou qualquer outro tipo de justiça, mantendo de pé a maior das escravidões: a*



*incapacidade de viver dignamente*”<sup>4</sup>. A derrota do *Mujeres Libres* não é unicamente delas. Diferentes destas, as mulheres socialistas, comunistas e republicanas foram incapazes de impor a unificação dos salários entre os homens e as mulheres e nem sequer ousaram atacar à prostituição!

Se a autogestão foi uma expressão genuína de criação horizontal anarcossindicalista, a organização *Mujeres Libres* é um movimento não apenas importante, mas fundamental porque abarca a metade dos seres humanos.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Refletindo sobre os processos de coletivização dos meios de produção, construção de *escolas modernas*<sup>5</sup>, protagonismo feminino, participação de jovens, controle de serviços públicos, dentre outras características, não podemos deixar de associar a diversidade de temáticas e pluralidade de protagonismo revolucionário, ao forte componente libertário-anarquista presente na Espanha em tempos anteriores. Você poderia nos falar um pouco sobre as raízes deste espírito libertário que precedeu 1936, e tornou-se tão forte a ponto de ser um componente essencial para processo revolucionário.

**Frank Mintz:** É preciso lembrar que a introdução do anarquismo passou pelo bakuninismo dentro das classes operárias ao fim do século XIX chegando a

produzir “trabalhadores conscientes” que - presentes nas cidades e nos vilarejos - irradiavam ideias totalmente alheias ao catolicismo e ao capitalismo. Um notório andaluz (socialista e maçom) sintetizava assim estes autodidatas proletários entre os camponeses do sul da Península:

“*Além disso, seu ensino e suas propagandas são geralmente tingidas por questões moralistas. Respeito pelas mulheres e igualdade de gênero em casa e na sociedade, amor pela natureza e cultura, a luta contra o alcoolismo, tabaco e jogos de azar são motivos constantes para seus artigos de jornal e fundamento para seus comícios. Finalmente, a anarquista ibérica congratula-se com fervor por estar intimamente ligado ao seu credo, aliando todas as correntes sociais marcadas pelo selo da novidade*”<sup>6</sup>.

As correntes culturais laicas que brotaram em 1931 com a II República vieram a justificar os pontos de vista e as condutas libertárias que muitos trabalhadores e até familiares de anarquistas conheciam, talvez sem se atrever a seguir. Isso explica como se formaram tão rapidamente e densamente as *Juventudes Libertárias* e depois *Mujeres Libres*. Também é o eixo da propagação da autogestão durante a guerra civil de 1936-1939 porque os trabalhadores anarcossindicalistas sabiam de antemão que deviam administrar e reorganizar a economia e que isso era o socialismo para emancipação.

Mas não podemos esquecer que essas capacidades, essas eficácias, se formaram durante

<sup>4</sup> Na revista homônima da *Mujeres Libres*, edição *Mujeres Libres, 65 días de la Revolución*, 22 de setembro de 1936.

<sup>5</sup> As Escolas Modernas foram projetos de educação libertária colocadas em prática a partir de 1901 por Francesc Ferrer i Guardia, elaborando uma pedagogia libertária que se tornasse um contraponto aos métodos de ensino formal e institucionalizado sob controle do Estado.

<sup>6</sup> Díaz del Moral Juan. *Historia de las agitaciones campesinas andaluzas-Córdoba (Antecedentes para a Reforma Agraria)*. Escrito em 1923 e editado em 1928; Reed. Madrid, Alianza, 1967, p. 182.

gerações de trabalhadores que viviam com pais, tios, avós anarcossindicalistas ou com vizinhos libertários.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Dentre os vários militantes anarquistas que tiveram participação ativa no processo revolucionário, alguns possuíam grande popularidade, sobretudo por sua atuação política décadas antes. Dentre estes, podemos citar Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso e, polemicamente, Garcia Oliver por seus posicionamentos durante o processo revolucionário. Gostaríamos que você comentasse a atuação dos três (e se possível de outros militantes também), assim como do grupo “*Los Solidarios*” e suas ações antes de 1936.

**Frank Mintz:** É extremamente difícil comunicar uma visão exata porque os militantes do grupo “*Los Solidarios*” eram excepcionais e, ademais, Durruti e Ascaso de uma parte, e Garcia Oliver, da outra, tinham uma fama ainda superior, que é preciso situar ao lado da FAI, a mítica Federação Anarquista Ibérica. A FAI, para mim, começou como um paralelo ao anarcossindicalismo e rapidamente se transformou em um organismo com várias tendências e algumas que pretendiam impor orientações sem consultar com os afiliados da CNT.

Apesar da formação anarquista de considerar que somos todos iguais e com ideias tão válidas como as das outras pessoas, existia um tipo de veneração por figuras proletárias que seguiam trabalhando ou vivendo entre proletários sendo, ao mesmo tempo, capazes de ultrapassar a eloquência dos burgueses cultos como Salvador Seguí, Angel

Pestaña, Juan Peiró. E no caso de Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso e Juan Garcia Oliver juntava-se a destreza para usar armas contra os exploradores e capacidades bélicas.

Nos primeiros dias de luta contra os golpistas morreu Ascaso e a organização militar se dividiu entre Garcia Oliver e Durruti. É evidente que os dois tiveram apreciações distintas.

Quase imediatamente Garcia Oliver apontava o embarque da CNT em uma aliança com a burguesia republicana e, efetivamente, ele logrou que a CNT participasse primeiro no governo catalão e depois no governo central.

Depois de poucas semanas, Durruti impulsionou para a formação de um Conselho “quase sindical” CNT-UGT em Aragão, criando, de fato, um governo que apoiava a autogestão. E se houve alguma dúvida sobre a opinião de Durruti, é só observar o rumo adotado por Garcia Oliver e seus aliados para a colaboração governamental. Neste mesmo dia, precisamente quando quatro ministros *cenetistas* (e Garcia Oliver entre eles) entraram no governo (4 de novembro de 1936) Durruti fez um discurso crítico no rádio cujo conteúdo principal não foi publicado pela imprensa da CNT. Reproduzo aqui parte do discurso:

*“Me dirijo a las organizaciones y les pido que se dejen de rencillas y de zancadillas. Los del frente pedimos sinceridad, sobre todo a la Confederación Nacional del Trabajo y FAI. Pedimos a los dirigentes que sean sinceros. [...] Se tienen que dar cuenta los dirigentes de que si esta guerra se prolonga mucho, hay que empezar por organizar la economía de Cataluña, hay que establecer un Código en el orden económico. No*



*estoy dispuesto a escribir más cartas para que los compañeros o el hijo de un miliciano coma un trozo de pan o un vaso de leche más, mientras existen consejeros [ ministros do governo catalão] que no tienen tasa para comer y gastar.*

*“(…) Si queréis atajar el peligro, se debe formar un bloque de granito. La política es el arte de la zancadilla, el arte de vivir [como zánganos], y éste debe suplantarse por el arte del trabajo. Ha llegado el momento de invitar a las organizaciones sindicales y a los partidos políticos para que esto termine de una vez. En la retaguardia se ha de saber administrar. Los que estamos en el frente queremos detrás una responsabilidad y una garantía, y exigimos que sean las organizaciones las que velen por nuestras mujeres y nuestros hijos.*

*Si esa militarización decretada por la Generalidad es para meternos miedo y para imponernos una disciplina de hierro, se han equivocado. Vais equivocados consejeros [= ministros do governo catalão], con el decreto de militarización de las milicias. Ya que habláis de disciplina de hierro, os digo que vengáis conmigo al frente. Allí estamos nosotros que no aceptamos ninguna disciplina, porque somos conscientes para cumplir con nuestro deber”<sup>7</sup>.*

Durruti, evidentemente, denunciava não somente a incapacidade de se criar uma economia militar entre todos os grupos e partidos antifascistas, mas também sua falta de interesse em se unirem,

<sup>7</sup> DURRUTTI, Buenaventura. "Durruti habla ante el micrófono". *Solidaridad Obrera* (6-11-1936)[19]. [Versión CENSURADA del discurso radiado la noche del 4-11-1936[20]]. Optamos em não traduzir especificamente esta referência, deixando a citação feita por Mintz, das palavras de Durruti, no idioma original.

séria e sinceramente, para ganhar a guerra. E dentre esses grupos, sobretudo, o de Garcia Oliver.

Que houve medidas inteligentes de Garcia Oliver durante a guerra é indiscutível, mas é certo que ele já não estava em uma via anarcossindicalista.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Em razão dos 80 anos da Revolução Espanhola, você poderia nos falar sobre os significados, e as confusões de compreensão do que significou o “republicanismo espanhol” e o “antifascismo espanhol”?



**Frank Mintz:** Muito visível é a evocação corriqueira e acrítica da luta republicana contra o



fascismo em 1936-1939, quando foi justamente uma das causas da derrota da mesma República.

Já na aparição da República, constamos que na redação de sua Constituição, o artigo primeiro teve uma leitura e uma compreensão errônea. Estava escrito “*Espanha é uma República democrática de trabalhadores de toda classe, que se organiza em regime de Liberdade e de Justiça.*” Evidentemente muitos compreenderam “República operária e socialista” e exigiram, visualizaram, creram que o tempo da transformação social estava soando.

Isso fica claro quando observamos que o ritmo das reformas sociais propostas pelo governo republicano e a própria lógica da supostamente necessária progressão paulatina foi sentida pela maioria da população como excessivamente lenta. Ademais, os protestos sociais provocados pela lentidão das reformas foram reprimidos violentamente pelos corpos repressivos republicanos entre 1931 e 1936.

A queda quase sem resistência da administração republicana frente ao golpe militar desprestigiou ainda mais o sistema republicano que teve que reconstruir sua legitimidade a partir do dia 19 de julho de 1936.

O princípio da guerra civil foi fatal no sentido que a maioria dos republicanos buscavam e pesquisavam com sigilo uma possibilidade de arranjo pacífico com os golpistas quando existiam possibilidades de vencer os militares insurretos com parte das milícias de voluntários dos sindicatos, dos partidos políticos e de pessoas sem etiquetas políticas precisas.

Apareceu, portanto, uma diferença sensível, verdadeira entre os termos “republicano” e

“antifascista”, entre a imensa oposição de defesa de República burguesa e a da revolução social.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Aproveitando seu último comentário, sabe-se que, diferente de outras guerras, em que o principal sujeito a orquestrar as batalhas sobre seus interesses são as forças armadas (manipuladas pelo Estado), na Espanha, o povo “*pegou em armas*” (literalmente), assumindo a luta e se organizando em milícias, seja para lutar contra o fascismo, seja para proteger um processo/projeto revolucionário. Você poderia discorrer um pouco mais sobre esse processo, seus sujeitos, organizações e suas atuações?

**Frank Mintz:** A luta antifascista foi um problema espontâneo e improvisado baseado no voluntariado. Já havia acontecido na Rússia revolucionária dos Soviéticos livres e especialmente com o exército makhnovista<sup>8</sup>.

Já se observou como a indústria de guerra teve uma reação espontânea contra o golpe militar junto com as formações de colunas armadas de voluntários (milicianas também). Era a única forma de resistência contra os soldados fascistas, já que o exército do Estado republicano tinha desaparecido com o golpe militar. Um brilhante resultado do governo de Frente Popular, eleito pelo povo em fevereiro de 1936, que provou que a união de

<sup>8</sup> Também conhecido como Exército Insurgente Makhonovista, liderado pelo anarquista camponês Nestor Makhno, assumiu um papel importante na defesa e expansão da Revolução Russa em um primeiro momento. Discordando dos processos revolucionários e a tentativa de centralização imposta por Moscou, parte de seu exército é assassinado em uma emboscada tramada pelo partido bolchevique. Makhno consegue fugir e após passar por vários países, se exila na França, em 1921.

representantes populares e servidores do Estado sem vontade de trabalhar é um fiasco total.

Houve colunas de socialistas e ugetistas, de comunistas, de poumistas, de catalanistas, de vascos e de cenetistas em Catalunha, Aragão, em Castilha, em toda a Espanha antifascista.

As características positivas foram as ajudas entre colunas de distintas ideologias para atacar e para resistir. As colunas anarcossindicalistas estimularam criações de coletivos autogeridos ou diretamente ajudaram coletivos já criados.

Nos níveis militares, tanto a coluna de Buenaventura Durruti ou a coluna de Ferro tiveram um sentido autogerido da disciplina, do mando. Era a lógica da maior eficácia com o menor custo humano. Mas, a perda de tempo causada pelo resto do Estado republicano, que não foi substituído por um conselho de colunas, forjou uma carência de armamento e máquinas para fabricá-las, ou seja, uma enorme massa de lutadores sem armas e, enquanto isso, os militares fascistas não deixavam de receber armas e grupos de soldados bem treinados dos exércitos alemães e italianos.

Não foi possível ajudar aos antifascistas isolados nas zonas ocupados pelas tropas facciosas e fascistas. De fato, seria possível se houvesse uma análise que desaguasse no estabelecimento de uma guerra de guerrilha dentro da zona fascista. Outra vez houve uma perda de tempo suicida.

A justificativa dos republicanos era dupla. Primeiro era não armar o proletariado que acabaria com a burguesia republicana para edificar uma sociedade “vermelha” anarquista, comunista ou socialista. Segundo, era a pesquisa de um diálogo com os insurretos para chegar a um acordo

equitativo entre agentes com afinidade, tanto da direita, como da esquerda. Era, outra vez, a incapacidade mental de analisar o fascismo, mas não era somente uma falência espanhola. O Tratado de Munich, em 1938, demonstrou como os governos, francês e inglês, pensavam exatamente como os republicanos espanhóis.

Com a intervenção militar russa houve uma escravidão das forças militares republicanas cujos elementos técnicos (tanques, aviação, parte da artilharia) estavam quase totalmente nas mãos de soldados e oficiais soviéticos. As táticas obedeciam aos interesses da política internacional russa e, a partir de meados de 1938, preparou-se a aliança entre o nazismo e a União Soviética que foi ativa entre setembro de 1939 até o dia 22 de junho de 1942, durando 32 meses.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Dentre os precedentes da Revolução Espanhola, ocorreram várias práticas de ação direta como greves, tentativas de levantes e insurreições incentivadas por anarquistas. Um episódio marcante foi a tentativa de levante em 1933, conhecido na história como o “*Massacre de Casas Viejas*”. Pode relatar para nossos leitores e leitoras um pouco mais sobre este caso e contextualizar seus desdobramentos.

**Frank Mintz:** Se tratava de uma tentativa armada de instaurar o Comunismo Libertário por parte dos afiliados da CNT. O movimento fracassou devido a erros organizativos. Alguns trabalhadores ligados a CNT atacaram o quartel da *Guardia Civil*, matando duas em cada quatro pessoas.

Após este caso, houve uma distribuição de mantimentos à população. Mas, rapidamente, chegaram reforços vindos da cidade de Medina-Sidonia, como da Guardia de Asalto (criada na II República) e da Guardia Civil (símbolo de repressão da monarquia, conservada pela República), visando dar uma lição aos trabalhadores conscientes. Cercaram um casarão onde haviam entrincherados vários membros e amigos da família de Francisco Cruz Gutiérrez, chamado de Seisdedos. Como não podiam atingir certamente aqueles que agrediram (que mataram outro guarda), os soldados lançaram tochas de fogo para que queimassem o telhado de madeira feito de ramos de urze. O resultado foi a morte de cinco pessoas que tentavam escapar das chamas no casarão, dois conseguiram fugir - uma menina, chamada María Silva Cruz, membro de um grupo feminino-libertário e uma criança. Em seguida, os guardas efetuaram detenções arbitrárias de doze membros da CNT assassinando-os, em seguida, a tiros perto da Casarão.

A repressão selvagem, esta "vingança" dos três guardas, acarretou a uma tempestade política nacional que desprestigiou e derrubou o governo de Manuel Azaña e seus ministros republicanos e socialistas.

Maria Silva Cruz casou com um militante da CNT, que era diarista e sindicalista da imprensa confederalista. Com o golpe militar, o casal ficou separado, até que María Silva Cruz, com 21 anos e mãe de uma criança recém-nascida, foi detida e fuzilada com outros antifascistas no dia 24 de agosto de 1936. Seu corpo continua desaparecido até hoje. Desta forma, o fascismo católico espanhol confirmava seu sadismo secular.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Outro evento marcante e, inegavelmente, lamentável por todos os desdobramentos que ele causou, ficou conhecido como *Jornadas de Mayo de 1937*. As derrotas sofridas pela CNT e a ascensão do “protagonismo” de partidos estalinistas e do Estado Republicano aparecem na historiografia como um dos momentos marcantes da desestruturação do processo revolucionário libertário. Gostaríamos que você comentasse mais sobre este contexto apontando situações e causas deste desfecho, assim como o papel contra-revolucionário dos partidos de orientação comunista/stalinista.

**Frank Mintz:** Digamos que os eventos de Maio de 1937 em Barcelona significaram a exposição, ainda mais pública, no plano nacional da Espanha republicana, a série de desequilíbrios visíveis e de distúrbios limitados. Mas se tudo isso cabia racionalmente nas possibilidades, não parecia previsível, para todas as pessoas e tendências políticas, em suas brutais e enérgicas respostas, como também a longa duração dos combates.

Três grandes fatores foram os detonadores. A aliança entre a burguesia e os setores realmente revolucionários: CNT, POUM (leninistas contrários a prática política da Rússia, como também no nível teórico, em desacordo com as análises e táticas propostas por Trotski) e amplas capas da UGT. Esta aliança funcionou relativamente até meados de dezembro de 1936, sendo interrompido bruscamente quando o partido comunista (sob o domínio prático de emissários da URSS que assistiam as reuniões, ou as dirigiam, como Codovilla e Ercole-Togliatti),

que agia no plano político como um verdadeiro lacaio-títere da URSS, tentou reverberar a política interior soviética na Espanha, atuando como um espelho.

A política de caça as bruxas se converteu em uma imprescindível tarefa para ganhar a guerra. E o fator agravante era a suposta desordem das erradas políticas econômicas, a partir das tomadas de muitas fábricas pelos trabalhadores (ineficientes quando eram anarcossindicalistas, fiéis colaboradores republicanos se fossem sob mando comunista) impostas pela “violência dos afiliados da CNT”. Tudo que era relacionado a críticas ou assomos de dúvidas já era obstáculo ou freio, até traições contra a possível vitória militar republicana. O abandono de uma grande parte das conquistas dos trabalhadores era uma chave para ultrapassar as dificuldades, de pensar com os óculos da URSS. Isso convencia, e conciliava perfeitamente com os desejos mais profundos dos pequenos proprietários alentados pelos comunistas desde setembro-outubro de 1936.

Os trabalhadores com ou sem etiqueta política cenetista, poumista ou ugetista, que eram combativos, são vistos com olhares de um retrocesso inadmissível, quase uma derrota frente aos fascistas.

A militarização e os corpos repressivos, guardas e carabineros (uma força insignificante antes de 19 de julho e transformada em cachorros do governo de Juan Negrín, dominado pelo PC), já era vista com um possível enquadramento político dos burgueses e comunistas, pois usariam, em sentido figurado, um açaímo (para não criticar) e uma camisa de força (para não se defender). Desta forma,

seriam integrados completamente, eliminando paulatinamente os oficiais anarquizantes.

Os fatos foram assim: o brusco ataque militar para se apoderar da central telefônica de Barcelona, ocupado e mantido por técnicos da CNT e UGT, em parte repellido pelas armas dos trabalhadores, desencadeou reações proletárias que se concretizaram em dezenas de barricadas e patrulhas de veículos blindados de cenetistas. O conflito perdurou com períodos alternados de calma e fúria apesar dos intentos de dois ministros da CNT (Garcia Oliver e Federica Montsenis) e até de comunistas (Rafael Vidiella).

Brotou o grupo “Amigos de Durruti” que tomou um evidente protagonismo com as seguintes demandas:

*“Trabalhadores, nós exigimos uma Junta Revolucionária. Execução dos culpados. Desarmamento de todas as forças armadas que participaram da agressão. Socialização da economia. A dissolução dos partidos políticos que atacaram a classe trabalhadora. Não renunciaremos as ruas. A revolução em primeiro lugar. Saudamos os camaradas do POUM por ter confraternizado com a gente nas ruas.*

*¡VIVA A REVOLUÇÃO SOCIAL! ¡ABAIXO A CONTRARREVOLUÇÃO!”<sup>9</sup>.*

Abrimos um parêntese aqui apenas para indicar que outras fontes de pesquisa, tal qual o *Wikipedia* em castelhano, intencionalmente, mentem

<sup>9</sup> Uma análise bastante densa e profunda sobre este processo, assim como a indicação de outros documentos, pode ser consultada em: MINTZ, Frank; PECIÑA, Miguel. Los amigos de Durruti, los trotsquistas y los sucesos de mayo. In: *Fondation Bersnard*. 2004. Disponível em: <http://www.fondation-besnard.org/spip.php?article61>

ao afirmar que: “Foi constituída uma Junta Revolucionaria em Barcelona. Todos os representantes do golpe de Estado, manobrando sob proteção do governo serão executados. O POUM será um membro da Junta Revolucionaria porque eles apoiaram os trabalhadores”<sup>10</sup>.

Não teve sucesso este texto por ter sido emanado por gente desconhecida e possuir uma linguagem alheia (creio) ao sentimento geral, que chegasse ao entendimento com a condenação dos provocadores. Ademais, havia afirmações totalmente irrealizáveis. Ainda, como determinar os culpados, dissolver partidos como o PC, os partidos republicanos e catalanistas que sustentavam a agressão antiproletária?

O fim do conflito teve supostas negociações que acabaram pela derrota dos trabalhadores.

As consequências foram múltiplas. Sublinho o desencorajamento por uma parte, o ódio contra o PC e a URSS, e a tenacidade para se agarrar às conquistas econômicas da classe operária.

Duas outras consequências em 1939, a meu parecer, foram:

1. A queda sem defesa militar e popular da cidade de Barcelona ao fim de fevereiro, prova do sentimento de abandono do povo demonstrada pela fuga do governo de Juan Negrín com seus carabineros.
2. A insurreição contra governo de Juan Negrín e o PC, com a formação de uma Junta em Madri formada pelos partidos republicanos e o partido socialista. Era um último intento para negociar com o exército de Franco a saída dos elementos

republicanos mais engajados. Era uma proposta absurda sem a ameaça de matar 1 ou 2.000 reféns fascistas (do general cenetista Cipriano Mera).

O único resultado positivo foi que as tropas republicanas se entregaram aos franquistas sem exceção e houve assim tanta confusão que dezenas de milhares de antifascistas puderam partir de Alicante e dos outros portos pequenos para chegar à Argélia, pertencente à França naquele momento.

Os habitantes desta última parte da Espanha permaneceram (como toda a população de alguns 21 milhões) vítimas da depuração, dos vexames e das condenações que variaram entre 3 e 4 milhões de republicanos.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Retomando um comentário anterior seu, defendido por militantes e pesquisadores, a Guerra Civil Espanhola aparece para muitos como um prelúdio da Segunda Guerra Mundial, já que é inevitável desconsiderar as intervenções com fins, oportunamente, geopolíticos pelas potências vigentes no momento (Alemanha, URSS, Inglaterra...). No livro de Abel Paz, *Durruti, Le peuple en Armes*, ao falar do posicionamento político do grupo Nosotros<sup>11</sup> ele relata que este grupo também tinha um olhar geopolítico, informando que para eles “A única via de salvação para revolução teria sido de transpor as fronteiras e internacionalizar-se”. Você tem conhecimento de outras visões e análises do ponto de vista estratégico por parte dos anarquistas espanhóis para o cenário internacional neste período revolucionário.

<sup>11</sup> Grupo que herdou práticas do “Los Solidarios” e bastante influente sobre a CNT. Este grupo foi composto, dentre outros militantes, por Aurelio Fernandez, Ricardo Sanz, Garcia Oliver e Buenaventura Durruti.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Jornadas\\_de\\_Mayo\\_de\\_1937](https://es.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Mayo_de_1937). Acessado: 27/04/16.

**Frank Mintz:** A imprensa anarcossindicalista espanhola abordava abertamente a proximidade do desencadeamento de um conflito europeu. Isso era no sentido de que a Alemanha e Itália tivessem tido menos protagonismo na Espanha. Mas creio que apenas era um alívio para os leitores, porque não se perfilava uma frente anarquista que pudesse consolidar a eventualidade de um apoio internacional de que se carecia desde o início da guerra na Espanha. Tão pouco existia uma visão de alguma modificação militar da França e da Gran Bretanha frente a Espanha republicana, caso sucedesse uma guerra entre estas potências e Alemanha e Itália.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Mais atualmente, a seu ver, poderíamos visualizar alguns legados deixados pelos anarquistas da Revolução Espanhola? E/ou de que forma podem ser inspiradores hoje?

**Frank Mintz:** Sem exagero é possível ver no movimento 15M (15 de maio de 2011) ou dos Indignados, um surgimento popular espontâneo com características de auto-organização que pode lembrar a reação popular do dia 19 de julho de 1936 (deixando aparte a enorme diferença dos contextos). Outra similitude seria as demandas de transformação imediata nos fundamentos da vida política, econômica e social, mas isso desapareceu rapidamente.

Permanece a nostalgia de uma República esquerdista com uma forte união proletária na base.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Agora gostaríamos de fazer perguntas de caráter mais pessoal, Frank. Inicialmente, você poderia nos falar como teve contato com o pensamento anarquista e quem são suas influências.

**Frank Mintz:** Para mim foi relativamente banal: com a minha mãe fomos para Sardenha em 1951 quando eu tinha 11 anos para visitar Tomaso Serra que estava confinado em seu vilarejo pela polícia italiana por ser anarquista. Ele e minha mãe se conheciam por estarem no mesmo campo de concentração para estrangeiros perigosos, junto a meu pai (apátrida e considerado como espião bolchevique, o que era errado, apenas era socialista). Tomaso Serra era um trabalhador da construção que imigrou para França por questões econômicas, e que se converteu ao anarquismo antifascista sendo expulso da França, depois da Bélgica e em seguida, também da Suíça, seguindo quase a mesma rotina que os outros anarquistas, como Camilo Berneri, conhecido por ele. Estava na Suíça quando soube da notícia do golpe fascista na Espanha, indo clandestinamente se alistar na coluna de voluntários italianos dentro da coluna Ascaso da CNT. Combateu na “Frente de Huesca” e escreveu um artigo em abril de 1937 para “Il Risveglio” de Genevra. Neste artigo ele refletia sobre a coletividade. Assim foram suas palavras: “*Vê-se camponeses colherem para a coletividade os produtos que eram reservados para alguns parasitas e é emocionante olhar agora, a pouca distância do inimigo, camponeses e milicianos semear, mas já não para os senhores*”.



Graças a Tomaso fiquei sabendo do anarquismo e das suas lutas contra o capitalismo e o marxismo (leninista) na Rússia e na Espanha. Foi um exemplo de retidão individual. E com o passar dos anos, mantivemos um vínculo flexível até a sua morte em 1985, ano que foi publicado sua biografia.

Evidentemente, desde o ano 1951, até hoje, travei contato com muitas pessoas interessantes de diferentes crenças em vários países (curandeiros, padres, embusteiros, leninistas, cínicos, fascistas), mas todos inconsistentes.

Permaneci simplesmente um anarquista anticapitalista e contra as tutelas e hierarquias, por serem artificiais e fundamentadas na exploração social.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Além de ser um dos grandes pesquisadores sobre a história do movimento anarquista, você poderia nos falar um pouco sobre a trajetória de sua militância, onde começou, por onde passou e onde se encontra agora.

**Frank Mintz:** É difícil dizer que sou um grande pesquisador, o que estou fazendo a vários decênios é me aprofundar mais sobre os conhecimentos dos movimentos anarquistas e anarquizantes, em dois ou três países, com seus numerosos laços internacionais. E é válido para Espanha, França e Bulgária; e em menor medida para Rússia e Argentina.

Comecei como anarco-comunista no período 1960-1970, sobretudo na “*Noir & Rouge*”, uma revista francesa de reflexões anarquistas críticas da CNT espanhola no exílio, da maçonaria, do individualismo, da questão de Cuba, etc. Ao

mesmo tempo tinha uma atividade antifranquista. Depois, nos dois decênios seguintes, fiz bastantes atividades de propaganda contra o “socialismo leninista real” (Bulgária, em particular) e também passei paulatinamente ao anarcossindicalismo. E desde 1990, até hoje, tenho tido bastantes contatos no Brasil e, sobretudo, na Argentina.

Neste momento, estou militando na CNT-SO, da França, com a tarefa principal de assessoria e regularização dos malianos<sup>12</sup> que não possuem documentação. Estes são trabalhadores do Sindicato da Construção, localizados na região parisiense da CNT-SO. Combino esta atividade com trabalhos de tradução do Francês para o castelhano e vice-versa.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Pra finalizar, queríamos deixá-lo à vontade pra comentar algo que você acha interessante falar e quem não foi tocado, seja sobre sua militância, anarquismo, revolução espanhola ou qualquer outro assunto.

**Frank Mintz:** Atualmente, escutamos o duplo discurso do capitalismo neoliberal com o emprego de dois termos, “democracia” e “terrorismo”, que são repetidos como se os regimes estabelecidos não fossem baseados na falácia e no terrorismo da desigualdade das propriedades, como também, engendram suas calamitosas consequências.

É uma evidência, mas creio que entre os seguidores da esquerda, e quiçá entre os libertários, pode acontecer um uso “confuso” de algum termo, como, por exemplo, “autogestão”. Alguns podem compreender esta como a aplicação de fortes decisões, desde cima; enquanto para outros é a

<sup>12</sup> Imigrantes do Mali.

implementação de decisões aprovadas por assembleias de moradores de um bairro.

Vale a diferença dentro de grupos e organizações com ordens desde cima para abaixo e questões discutidas em assembleias de base e transmitidas às outras para acertar uma postura coletiva. Dito, brevemente, nós também devemos questionar práticas socialistas inabituais que podem desvirtuar-se.

**Thiago Roniere R. Tavares:** Frank, queríamos agradecer sua contribuição com esta edição da Revista Território Autônomo que, analiticamente, rememorou o processo revolucionário ocorrido na Espanha e, passados 80 anos, permanece como fonte de inspirações e reflexões entre aqueles que acreditam na efetivação de uma sociedade autogerida e libertária.

Muito Obrigado!